



Título del artículo / Título do artigo: A arte trágica em oposição ao racionalismo socrático: por uma universidade que valorize a criatividade

Autor(es): Mariana Maia Moreira

Año de publicación / Ano de publicação: 2019

DOI: 10.63314/ZMQN4304

Citación / Citação

Moreira, M. (2019). A arte trágica em oposição ao racionalismo socrático: por uma universidade que valorize a criatividade. Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación. 6(12). .139-153.
<https://doi.org/10.63314/ZMQN4304>





A arte trágica em oposição ao racionalismo socrático: por uma universidade que valorize a criatividade

Mariana Maia Moreira

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

marianamarvel@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4258-211X>

Licenciada em Letras pelo Centro Universitário da Cidade; Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Pós-graduada em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Doutoranda em Educação na Universidade Federal Fluminense; Membro do Projeto de Extensão: Filosofia na Sala de Aula, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Professora da Escola Municipal Manoel da Silveira Medeiros Sobrinho, em Teresópolis - RJ.

Resumen - Resumo - Abstract

O presente texto tem como objetivo refletir sobre o sistema universitário atual a partir dos filósofos: Friedrich Nietzsche, Marilena Chauí, do comentador Sylvio Gadelha. Entendemos que as universidades públicas estão institucionalizadas de maneira a reproduzir todos os traços da sociedade brasileira e nos indagamos se há fuga dessa lógica neoliberal implementada como lógica universitária; se há espaço para a criatividade, para o novo na universidade se estamos imersos em uma lógica produtivista. Esses três autores nos fazem pensar em escapatórias da lógica mercantil que se insere em

El presente texto tiene como objetivo reflexionar sobre el sistema universitario actual desde los filósofos: Friedrich Nietzsche, Marilena Chauí, del comentador Sylvio Gadelha. Entendemos que las universidades públicas están institucionalizadas para reproducir todos los rasgos de la sociedad brasileña y nos preguntamos si hay escape de esta lógica neoliberal implementada como lógica universitaria. Nos preguntamos si hay espacio para la creatividad, para el nuevo en la universidad si estamos inmersos en una lógica productivista. Estos tres autores nos hacen pensar en escapar de la lógica

The present paper has as an objective to ponder about the current university system from the perspective of the following philosophers: Friedrich Nietzsche, Marilena Chauí, of commentator Sylvio Gadelha. We understand that public universities are institutionalized in a manner to reproduce all traces of the Brazilian society and we question if there is an escape of this neoliberal logic that is implemented as an university logic; if there is space for creativity, for novelty in university if we are immersed in a productivist way of thinking. These three authors makes us think in loopholes of the commercial logic that

nossas universidades. Para Nietzsche a fuga encontra-se no gênio; para Chauí só haverá mudança se houver uma transformação social; para Foucault, a partir dos textos de Gadelha, a fuga está na resistência a essa forma de governamentalidade.

comercial que se insere en nuestra universidad. Para Nietzsche el escape yace en el genio. Para Chauí solo habrá cambio si hubiera una transformación social. Para Foucault, desde los textos de Gadelha, el escape está en la resistencia a esta forma de gubernamentalidad.

is inserted in our universities. To Nietzsche the escape is found in the genius; to Chauí there can only be change if there is a social transformation; to Foucault, from Gadelha's papers, the escape is in resistance to this model of governability.

Palavras-chave: Universidade, produtividade, criatividade

Palabras Clave: Universidad, productividad, creatividad.

Keywords: University, productivity, creativity

Recibido: 20/04/2019

Aceptado: 15/08/2019

Para citar este artículo:

Moreira, M. (2019). A arte trágica em oposição ao racionalismo socrático: por uma universidade que valorize a criatividade. *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*. 6(12). .139-153.

A arte trágica em oposição ao racionalismo socrático: por uma universidade que valorize a criatividade

A arte trágica e a criatividade.

No livro: *O nascimento da tragédia* (1872)¹, Friedrich Nietzsche usa o arcaico para pensar o futuro por meio da valorização da cultura grega. No decorrer do texto o filósofo contrapõe o apolíneo e o dionisíaco. Apolo, o deus da bela forma e da individuação, permite a Dioniso que se manifeste. Dioniso, o deus da embriaguez e do dilaceramento, possibilita a Apolo que se exprima. Um assegura ponderação e domínio de si, o outro envolve pelo excesso e vertigem.

Segundo Nietzsche os impulsos dionisíacos e apolíneos estão relacionados com a criação da arte², isso tem origem na embriaguez, na vontade potencializada – força que podemos chamar também de efusão ou euforia; e nas representações oníricas. Por trás da atividade artística temos sempre uma espécie de subjetividade transbordada, intensiva, um “eu sou” que excede os limites da consciência e faz de seu júbilo a sua expressão. Essa subjetividade sem sujeito é o princípio desta estética que tem na relação entre a arte e a vontade seu problema central. Arte e vida se encontram porque o trabalho de simbolização das formas artísticas é uma experiência ética, de afirmação e exaltação da existência. Assim se compreende a afirmação do filósofo no prefácio de *NT*: “a arte é a tarefa suprema e atividade propriamente metafísica desta vida” (p.26).

A arte apolínea é a arte do figurador plástico, da estética; e a dionisíaca é a não figurada da música. Ambos os impulsos caminham juntos, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas. Nas palavras do filósofo:

(...) A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [Bildner], a apolínea, e a arte não-figurada [unbildlichen] da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre

¹ No decorrer do texto nos referiremos a essa obra como: *NT*.

² Arte entendida como figurada e não-figurada.

a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da “vontade”¹⁷ helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática. (Nietzsche, 1992, p.27).

Observamos, a partir da citação, que Apolo apazigua e tranquiliza, diviniza o princípio da individuação, constrói a aparência, o sonho ou a imagem plástica, apaga a dor. Já Dioniso regressa à unidade primitiva, abole o indivíduo, não há mais marcas para cada um, nas palavras do filósofo: “O escravo torna-se homem livre.” (idem, p.31).

Agora, graças a evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial. Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento. Assim como agora os animais falam e a terra dá leite e mel, do interior do homem também soa algo de sobrenatural: ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem. O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez. (idem, p.31).

Para o filósofo a arte trágica emerge de forma inconsciente, fruto ora da embriaguez, ora dos sonhos, poderíamos dizer que a arte trágica surge da *Trieb*, do instinto, do orgânico.

Nietzsche caminha na contramão dos filósofos metafísicos que almejam uma verdade absoluta a qualquer preço - que “querem expor à luz, desvelar, descobrir, tudo absolutamente que por boas razões é mantido oculto.” (Nietzsche, 2001, p.14). Nietzsche sustenta uma ética da criação, da glorificação da aparência, da mentira e da ilusão, em sua capacidade de inversão da verdade, de celebração tonificante, que torna a vida possível e digna de ser vivida. A necessidade da arte é explicada pela afirmação da vida, “pois só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificar-se eternamente”. (Nietzsche, 1992, p.47). A vida como arte encontra seu sentido, a partir da valorização dos instintos orgânicos e criativos.

O racionalismo metafísico de Sócrates e Platão.

Com o advento do racionalismo metafísico de Sócrates e Platão, surge uma divisão do mundo, entre o da razão, que segundo esses filósofos seria o mundo superior, e dos sentidos, que seria um mundo inferior. Para Platão, discípulo de Sócrates, não existe nada na natureza que não tenha existido antes no mundo das ideias. Nesse sentido, razão é um artefato para se alcançar a realidade. Platão elegeu a “ideia” como a origem de todos os conceitos que temos em mente. Essa “ideia” é a responsável por inserir em nós, enquanto nossa mente ainda habita um outro mundo, o reconhecimento das formas que vemos aqui onde vivemos atualmente, chamado por Platão de “mundo sensível”.

Para as concepções platônicas, antes de existirmos em carne e osso, fomos uma alma moradora de um mundo onde existiam apenas as ideias, que são perfeitas, que se materializam, de forma imperfeita, no mundo sensível. No mundo perfeito recebemos todos os conceitos do que viríamos a ver mais tarde nas cópias criadas através das “fôrmas” do mundo das ideias. Segundo o pensamento de Platão, só podemos conhecer o que é imutável e verdadeiro através da razão, pois se utilizarmos os sentidos seremos enganados ao nos deparar com as constantes transformações da natureza – a natureza tal como a (re)conhecemos aqui é puro fluir da perfeição estática e segura do mundo perfeito.

Compreendemos que para Platão haveria uma verdade absoluta, imutável que se encontraria no mundo das ideias, as almas já teriam acessado esse mundo, quando elas encarnam em um corpo elas se esquecem desse mundo das ideias, e habitam o mundo sensível, do sentido, das emoções, que só podem ser vivenciadas por um corpo, observamos, portanto, uma dicotomia: razão e emoção, mente e corpo.

Nietzsche questiona a petulância e a ilusão da cientificidade nascida com Sócrates, que acredita atingir a essência do ser, podendo até corrigi-lo, através da infinita busca de uma verdade absoluta. (...) O que caracteriza a posição de Sócrates e é criticado por Nietzsche não é exatamente o conhecimento, mas o “*instinto de conhecimento sem medida e sem discernimento*”, o “*instinto ilimitado de conhecimento*”, “*a verdade a qualquer preço*”. Dominar a ciência significa controlar a exorbitância de suas pretensões. É colocar a questão dos limites, é relativizar sua pretensão a uma validade universal. (Paula, 2001, p.3-4).

Para Sócrates e Platão é impossível aos seres humanos conhecer completamente o mundo das ideias que é acessível somente aos desuses, o melhor conhecimento a que os humanos conseguem atingir é o conhecimento filosófico, o amor pelo saber e a incansável busca da verdade. Nietzsche questiona essa busca da verdade, acredita que a arte e a tragédia não foram vencidas propriamente pela verdade, mas por uma crença na verdade, por uma “ilusão metafísica” que está intimamente ligada à ciência.

Para demonstrar também no tocante a Sócrates a dignidade de tal posição de condutor, basta reconhecer nele o tipo de uma forma de existência antes dele inaudita, o tipo do homem teórico, cuja significação e cuja meta é nosso dever agora chegar a compreender. Também o homem teórico tem um deleite infinito com o existente, qual o artista, e, como ele, é protegido, por esse contentamento, da ética prática do pessimismo e de seus olhos de Linceu, que só brilham na escuridão. Se com efeito o artista, a cada desvelamento da verdade, permanece sempre preso, com olhares extáticos, tão-somente ao que agora, após a revelação, permanece velado, o homem teórico se compraz e se satisfaz com o véu desprendido e tem o seu mais alto alvo de prazer no processo de um desvelamento cada vez mais feliz, conseguido por força própria. Não haveria ciência se ela tivesse a ver apenas com essa única deusa nua e com nenhuma outra. Pois então os seus discípulos deveriam sentir-se como aqueles que quisessem escavar um buraco precisamente através do globo terrestre, uma vez que cada um deles percebe que, ele, mesmo com o máximo esforço durante a vida toda, só seria capaz de escavar um pequeníssimo pedaço daquela profundidade imensa, parte que é, ante seus próprios olhos, recoberta pelo trabalho do seguinte, de modo que uma terceira pessoa parece proceder bem se escolher um novo local para sua tentativa de perfuração. Se agora alguém demonstra de maneira convincente que por essa via direta não é dado alcançar a meta antípoda, quem há de querer continuar trabalhando nos velhos poços, a não ser que entrementes se dê por satisfeito em encontrar pedras preciosas ou em descobrir leis da natureza? Por isso Lessing, o mais honrado dos homens teóricos, atreveu-se a declarar que lhe importava mais a busca da verdade do que a verdade mesma: com o que ficou descoberto o segredo fundamental da ciência, para espanto, sim, para desgosto dos cientistas. Agora, junto a esse conhecimento isolado ergue-se por certo, com excesso de honradez, se não de petulância, uma profunda representação ilusória, que veio ao mundo pela primeira vez na pessoa de Sócrates – aquela inabalável fé de que o pensar,

pelo fio condutor da causalidade, atinge até os abismos mais profundos do ser e que o pensar está em condições, não só de conhecê-lo, mas inclusive de corrigi-lo. Essa sublime ilusão metafísica é aditada como instinto à ciência, e a conduz sempre de novo a seus limites, onde ela tem de transmutar-se em arte, que é o objetivo propriamente visado por esse mecanismo. (idem, p.92-93).

A partir dessa citação podemos compreender a crítica de Nietzsche às concepções socrático-platônicas e adentrar em um conceito importante de sua obra para pensar a Universidade na atualidade, o conceito de “Homem Teórico”, “Os filisteus da cultura”.³

A Universidade na atualidade.

Nietzsche critica radicalmente o processo de burocratização da ciência, da filosofia e dos intelectuais universitários, assim como o processo de especialização desenfreado do conhecimento, castrador do livre pensar filosófico. Essa crítica refere-se ao apego dos cientistas aos aspectos burocráticos da vida acadêmica e aos pequenos objetos e fatos sem importância para uma vida afirmativa. Para o filósofo o sistema universitário promove o “homem teórico”, que domina a vida através do intelecto, separa vida e pensamento, corpo e inteligência, em lugar de colocar o conhecimento a serviço da vida, coloca-o em função de criar mais saber, independente do que isso possa significar para a vida.

Nas conferências ministradas por Nietzsche na universidade de Basileia em 1872, intituladas: *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, o filósofo apresenta uma reflexão sobre as instituições de ensino e a educação de seu tempo. Em suas análises duas tendências se mostram nefastas para

³ Nietzsche escreve na “Primeira consideração intempestiva: David Strauss o devoto e o escritor” sobre os “filisteus” e os “eruditos”, homens que dominavam o saber por meio dos estudos das enciclopédias. Eles determinaram a cultura e a educação na Alemanha no século XIX. Nesse contexto Nietzsche (2003, p. 57) afirma que o *filisteu*: “é um grande cabeça de vento”, está interessado, mais do que tudo, no lucro e no saber teórico e rápido e, além disso, foge da cultura guiada pela arte e pela filosofia. Quanto ao *erudito*: “consiste numa rede misturada de impulsos e excitações muito variadas, é metal impuro por excelência.” (p. 191). Eles são os devoradores do conhecimento, pretendem conhecer cada vez mais as teorias para a seu saber e conservação, pois por meio dos conhecimentos livrescos, eles mantêm a ordem estabelecida e não visam ao desenvolvimento das ideias novas. Com isso, não se desenvolvem novos pensares e agires, não há espaço para uma educação renovada, mas sim conformada.

os rumos das instituições pedagógicas: a tendência de ampliação, cada vez maior da cultura, e a tendência à redução da cultura através da especialização. Cabe esclarecer que para Nietzsche cultura é toda manifestação artística de um povo.

A ampliação da cultura seria a tentativa de universalização da cultura, de sua extensão a grupos cada vez maiores. Isso seria para o filósofo uma visão utilitária da cultura, procurava-se estender a educação à maior quantidade de pessoas possível, pois o mercado necessita delas, criando assim, “*homem moeda corrente*”, abaixamos o nível da educação para abranger a todos e atender à lógica do mercado.

Eis a minha tese: duas correntes, aparentemente opostas, igualmente nefastas quanto aos seus efeitos, e finalmente reunidas em seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, inicialmente fundados sobre outras bases. De um lado a tendência à extensão da cultura e de outro lado, à sua redução e enfraquecimento. (Nietzsche, 2011, p.53).

A redução da cultura prega a divisão do trabalho na ciência e a especialização do erudito em determinada área “ se exige da cultura que ela abandone suas mais elevadas pretensões de soberania e que se submeta como uma serva de outra forma de vida, especialmente aquela do Estado” (idem, p.53).

A massificação e universalização da cultura acabaram gerando um número excessivo de estabelecimentos de Ensino Superior, voltados, segundo Nietzsche, para formação de grandes massas, que se diferencia de povo, para o filósofo “homem massa” é o rebanho, a indústria, a utilidade; que se difere de “homem povo” que seria o que está ligado à natureza, aos impulsos vitais.

Entendemos que a cultura passa a ser considerada útil apenas se serve aos interesses do Estado, diferentemente do que se passava na Grécia Antiga quando o Estado era o “companheiro de viagem” da cultura. (idem, p.99).

Nesta perspectiva partimos das análises de Nietzsche para pensarmos o nosso sistema universitário atual. Embora Nietzsche tenha escrito em outra época e de outro lugar, sustentaremos que suas reflexões sobre os estabelecimentos de ensino possam estar bem vivas na atualidade, até porque o próprio filósofo considerava-se um extemporâneo, um filósofo que estava à frente de seu tempo.

O nosso sistema universitário atual ainda está influenciado por essas ideias socrático-platônicas, onde a valorização do não-orgânico, do “homem teórico” e dos “filisteus da cultura” constitui-se como prioridade, ainda mais com a *plataforma lattes*.

O currículo Lattes se tornou um padrão nacional no registro da vida progressiva e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é hoje adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País. Por sua riqueza de informações e sua crescente confiabilidade e abrangência, se tornou elemento indispensável e compulsório à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamento na área de ciência e tecnologia. (Lattes).

A partir dessa citação observamos que, de acordo com a *plataforma lattes*, a vida no meio acadêmico resume-se à sua produtividade. Não há espaço no *lattes* que seja referente à vida afirmativa, que valorize os instintos orgânicos, proposta por Nietzsche, pois a racionalização, a excessiva produção é superior aos sentimentos, ao orgânico.

Na última década o número de produção científica no Brasil, maiormente gerada nas pós-graduações, apresentam-se de modo crescente, no entanto, esses fatores não levam em conta as estruturas e as variáveis cognitivas: emocionais, comportamentais e culturais que envolvem a pressão de publicar.

Os programas de pós-graduação “*stricto sensu*” estão cada vez mais empenhados em atingir padrões de excelência da sua qualidade. Esse padrão está intimamente ligado à avaliação da *Capes* que prioriza como método avaliativo, a produtividade científica de docentes e discentes, ou seja, o número de publicações. Tal arranjo permite que haja de certa forma um “desespero” por produtividade acadêmica, pois, se o pesquisador não demonstrar produção, não terá apoio das agências de fomento quanto a liberação de recursos para suas pesquisas. Observamos que o nosso sistema universitário promove o “homem teórico”, que domina a vida através do intelecto. Não há tempo para ruminação das leituras, somos levados a criar mais saber, independente do que isso possa significar.

Nas universidades a avaliação passa a ser feita pelo número de publicações e não pela qualidade e importância da pesquisa. As instituições de fomento nos cobram publicações frequentes em revistas com classificações determinadas, um artigo conta mais ponto para o currículo lattes, do que um livro inteiro, e

assim temos o sintoma da pós-modernidade apresentado por Nietzsche, eis que o pensamento e o indivíduo tornam-se fragmentados.

O neoliberalismo e a universidade.

Pensaremos um pouco a contemporaneidade a partir de dois textos, um da filósofa Marilena Chauí intitulado: *ideologia neoliberal e universidade* e outro do filósofo Sylvio Gadelha intitulado: *Biopolítica, governamentalidade e educação*. Esses textos nos ajudam a compreender o cenário da universidade na contemporaneidade e as mudanças econômicas.

Segundo Chauí, o neoliberalismo tem como proposta cortar o fundo público no polo de financiamento dos bens e serviços públicos, ou dos direitos sociais, e maximizar o uso da riqueza pública nos investimentos exigidos pelo capital, visa o encolhimento do espaço público dos direitos e o alargamento do espaço privado dos interesses de mercado.

Os traços desse neoliberalismo são: desintegração vertical da produção, tecnologias eletrônicas, diminuição dos estoques, velocidade na qualificação e desqualificação da mão-de-obra, aceleração da produção, do comércio e do consumo pelo desenvolvimento das técnicas de informação e distribuição, proliferação do setor de serviços, crescimento da economia informal e paralela, e novos meios para promover os serviços financeiros – desregulamentação econômica e formação de grandes conglomerados financeiros que formam um único mercado mundial com poder de coordenação financeira.

A esse conjunto de condições materiais, corresponde um imaginário social que busca justifica-las (como racionais), legitimá-la (como corretas) e dissimulá-las enquanto formas contemporâneas de exploração e dominação. Esse imaginário social é o neoliberalismo como ideologia da competência e cujo subproduto principal é o pós-modernismo, que toma como o ser da realidade a fragmentação econômico-social e a compressão espaçotemporal gerada pelas novas tecnologias e pelo percurso do capital financeiro. (Chauí, 2001, p.91).

O pós-modernismo corresponde a uma forma de vida determinada pela insegurança e violência institucionalizada pelo mercado. Segundo Chauí essa forma de vida possui quatro traços principais: a insegurança, que leva a aplicar recursos no mercado de futuros e de seguros; a dispersão, que leva

a procurar uma autoridade política forte com perfil despótico; o medo, que leva ao reforço de antigas instituições, sobretudo a família, e ao retorno das formas místicas e autoritárias ou fundamentalistas da religião; o sentimento do efêmero e da destruição da memória objetiva dos espaços, levando ao reforço de suportes subjetivos da memória (diários, biografias, fotografias, objetos).

Nesse sentido o pós-modernismo realiza três grandes inversões ideológicas: substitui a lógica da produção pela circulação – nas universidades a avaliação é feita pelo número de publicações e não pela importância destas pesquisas; substitui a lógica do trabalho pela lógica da comunicação – crença do Ministro da Educação de que, sem alterar o processo de formação dos professores do ensino fundamental e sem alterar seus salários aviltantes, tudo irá bem na educação, desde que haja televisão e computadores na escola; e substitui a lógica da luta de classes pela lógica da satisfação/insatisfação dos indivíduos no consumo.

Segundo Foucault essa nova lógica operacional da sociedade ocidental em geral, aqui focarei apenas em uma determinada área: a universidade, denomina-se governamentalidade neoliberal, uma determinada forma de governo, agora não se trata mais apenas do homem, como na modernidade, agora temos duas individuações diferenciais: “ao passo que a primeira, moderna, objetivou um sujeito de direitos, que é também um sujeito ‘psi’, a segunda, contemporânea, por seu turno vem objetivando algo distinto, um indivíduo microempresa”. (Gadelha, 2009, p.155). Esse indivíduo microempresa, fruto do neoliberalismo, passa a ser produzido por uma normatividade econômico-empresarial.

Nesse sentido, os indivíduos e coletividades vêm sendo cada vez mais investidos por novas tecnologias e mecanismos de governo que fazem de sua formação e educação uma espécie de competição desenfreada, cujo “progresso” se mede pelo acúmulo de pontos. A Capes, ao avaliar o programa de pós-graduação, parte do princípio da produtividade e da meritocracia, como apresentado no item anterior. Isto reproduz a ideia neoliberal de uma sociedade altamente diferenciada hierarquicamente, em que o *status* de cada um é determinado pelo grau e pela qualidade de capital humano que foi acumulado através da educação.

Segundo Chauí as universidades, através das instituições de fomento, vêm aplicando, “de modo acrítico e desastrado, os critérios organizacionais usados pela empresa, imitando – e muito mal – procedimentos ligados à

lógica do mercado, portanto, uma aberração científica e intelectual, quando aplicados à docência e à pesquisa”. (Chauí, 2001, p.100). Essa transposição dos critérios empresariais para a avaliação das universidades gera algumas consequências:

Em primeiro lugar, empregando critérios que visam à homogeneidade, a avaliação despoja a universidade de sua especificidade, isto é, a diversidade e a pluralidade de suas atividades., determinadas pela natureza própria dos objetos de pesquisa e de ensino, regidos por lógicas específicas, temporalidades e finalidades diferentes; em segundo, nada é conseguido como autoconhecimento da instituição, mas apenas um catálogo de atividades e publicações (acompanhadas de inexplicados conceitos classificatórios) que absurdamente passa a orientar a alocação de recursos; em terceiro, a prestação de contas à sociedade não se cumpre porque tanto orçamentos quanto execuções orçamentárias são apresentadas com os números agregados, sem explicitações de critérios, prioridades, objetivos e finalidades e sem explicitar os convênios privados. (Chauí, 2001, p.101).

Assim, as universidades públicas estão institucionalizadas de maneira a reproduzir todos os traços da sociedade brasileira: reforço da carência e do privilégio; reforço da perda de identidade e de autonomia; reforço de privilégio e desigualdades; reforço dos privilégios e da heteronomia; reforço do poder burocrático e da perda da ideia de serviço público aos cidadãos; reforço da submissão dos padrões neoliberais que subordinam os conhecimentos à lógica do mercado e, portanto, ausência do princípio democrático da autonomia e da liberdade; reforço da privatização do que é público, formam os pesquisadores com recursos públicos e estes atendem fins privados; reforço da submissão ao pós-modernismo, que subordina as pesquisas ao mercado veloz da moda e do descartável; reforço dos padrões autoritários, oligárquicos e violentos da sociedade brasileira pela ausência de controle interno da universidade por ela mesma e pela ausência de verdadeira prestação de contas das atividades universitárias à sociedade.

Nos perguntamos constantemente: haveria fuga dessa lógica neoliberal implementada como lógica universitária? Haveria espaço para a criatividade, para o novo, na universidade, se estamos imersos nessa lógica produtivista? Será que o filósofo Nietzsche poderia dar-nos dicas para pensar o novo?

À guisa de conclusão.

Estamos ligados à universidade, segundo Nietzsche (2011), “pelo ouvido, como ouvintes” (p.125). Escutamos e reproduzimos o que escutamos em nossos cadernos, eis que somos indivíduos reprodutores de pensamentos já pensados e disseminados, apenas reavivamos discussões que já foram feitas. E o novo, e o criativo, e o orgânico? Na sociedade atual somos menos orgânicos e mais fragmentados, não há espaço para uma formação para a vida, que valorize os instintos orgânicos, que almeje a formação do “gênio”.

Para Nietzsche a figura do “gênio” é construída a partir de uma educação que exalte a criticidade e a vida. Primeiro o “gênio” teria que ser guiado por um mestre, que é simples e honesto, que ensina com a ação, que liberta o aluno que o deixa ser o que se é. Em seguida o “gênio” deve romper com os ensinamentos do seu mestre e se guiar pelas asas de sua imaginação, portanto, com criatividade.

Na atualidade a tendência cultural com a finalidade de formar o “gênio”, a exceção, dá lugar a uma forma massificada que uniformiza a todos. É importante ressaltar que Nietzsche não nega a necessidade de escolas técnicas, uma educação que se propõe como finalidade formar alguém para ganhar dinheiro, mas acredita que isto não pode ser chamado de educação para cultura, e sim uma indicação do caminho que o indivíduo deve percorrer para manter-se vivo. (Nietzsche, 2011, p.104). Trata-se de uma educação que visa a domesticação, a criação de pessoas medíocres e úteis aos ditames de seu tempo. Nietzsche contrapõe a essa domesticação um “adestramento seletivo” que leve o homem a tornar-se senhor de seus instintos.

(...) o produto deste adestramento não é um indivíduo fabricado em série, adaptado às condições de seu meio (...), mas um ser autônomo, forte, capaz de crescer a partir do acúmulo de forças deixadas pelas gerações passadas, capaz de mandar em si mesmo (...) alguém que se atreve a ser ele mesmo. (Dias, 2003, p.86).

Compreendemos que para Nietzsche somente o gênio que foi guiado por um mestre e que rompeu com este para guiar-se por si próprio é capaz de ser criativo, e romper com os ditames de uma massificação que visa apenas, a lógica mercantil. Para Chauí a fuga dessa lógica mercantil nas universidades só será possível a partir do momento que a sociedade se transforme e passe a pensar de uma outra forma, que não seja a neoliberal, que temos

atualmente. Para Foucault, a partir do texto de Gadelha, a fuga dessa lógica está na resistência, portanto, resistir a essa forma de governamentalidade, buscar alternativas a esta que nos é imposta.

A partir desse texto nos indagamos: o que fazemos na universidade? Por que buscamos cada vez mais a especialização? Haveria espaço para o orgânico na universidade se cada vez somos menos orgânicos? Haveria espaço para os impulsos apolíneos e dionisíacos, para a criatividade? Haveria espaço para o “gênio” nietzschiano? Haveria uma possibilidade de repensarmos o *currículo lattes*? Há espaço na sociedade atual para repensar e refletir sobre o sistema, há espaço para a ruminação e a reflexão deste?

Referências.

Chauí, M. (2001) Ideologia, neoliberalismo e universidade. In: *A ideologia da competência*. BH/SP: Autêntica, p. 85-117.

DIAS, R. (2003) *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione,

Gadelha, S. (2009) Biopolítica, governamentalidade e educação (capítulo IV); Biopolítica e educação: laços exemplos e perspectivas. In: *Biopolítica, governamentalidade e educação*. Introdução e conexões a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.119-214.

Nietzsche, F. (1992) *O nascimento da tragédia*; ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras.

Nietzsche, F. (2001). *A gaia ciência*. Tradução, notas, e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Nietzsche, F. (2003) *Segunda Consideração intempestiva, da utilidade e da desvantagem da história para a vida*. Tradução, Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume dumará.

Nietzsche, F. (2011). *Escritos sobre educação*. Trad. Noéli Correia Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola.

Paula, M. (2001). *A questão da ciência e da verdade em Nietzsche*. Niterói: UFF.

Portal Plataforma Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>- Acessado em: 08 de março de 2017.